

Competitividade por meio de alianças estratégicas

Guilherme Marco de Lima¹

A competitividade do Brasil no cenário internacional está fortemente ligada ao desenvolvimento tecnológico. O Brasil parece ter compreendido esta questão e vem tomando medidas importantes nos últimos anos para criar um ambiente propício à inovação e que terão reflexos positivos no médio e longo prazo.

Desde o fim dos anos de 1990, existem os fundos setoriais, que trouxeram estabilidade de recursos para o setor e incluíram a sociedade no processo de decisão. A última década foi marcada pelo estabelecimento de uma visão estratégica de longo prazo, destinação de recursos para estimular a inovação, além da criação de incentivos para contratação de pesquisadores e de atividades de pesquisa e desenvolvimento nas empresas.

As ações demonstram que o país caminha na direção correta, contudo somente a partir da aliança estratégica entre três atores principais, empresa, meio acadêmico e governo, será possível dar um salto de qualidade no processo de inovação. A atuação articulada e estruturada destes três agentes resultará no aumento da massa crítica capaz de impulsionar o setor ao unir as competências de gestão, de cooperação e de investimento.

O primeiro passo é mudar o foco da política de inovação, de projeto de fomento para programas de fomento. Uma empresa que siga este caminho não deve pensar em terceirizar seu setor de pesquisa e desenvolvimento ou atuar visando ao curto prazo. Cada ator do processo de inovação deve ocupar o papel que lhe cabe e neste caso a interação com universidades é muito mais frutífera quando foca na geração de conhecimento e de recursos humanos qualificados.

¹ Líder em Relações Institucionais em Pesquisa e Desenvolvimento da EMBRACO.

Trabalhar com a perspectiva de programa exige visão de longo prazo, compromisso com a geração do conhecimento. Para isso, a organização vai precisar do apoio do governo, e seus instrumentos de incentivo, e de universidades dispostas a fazer parcerias.

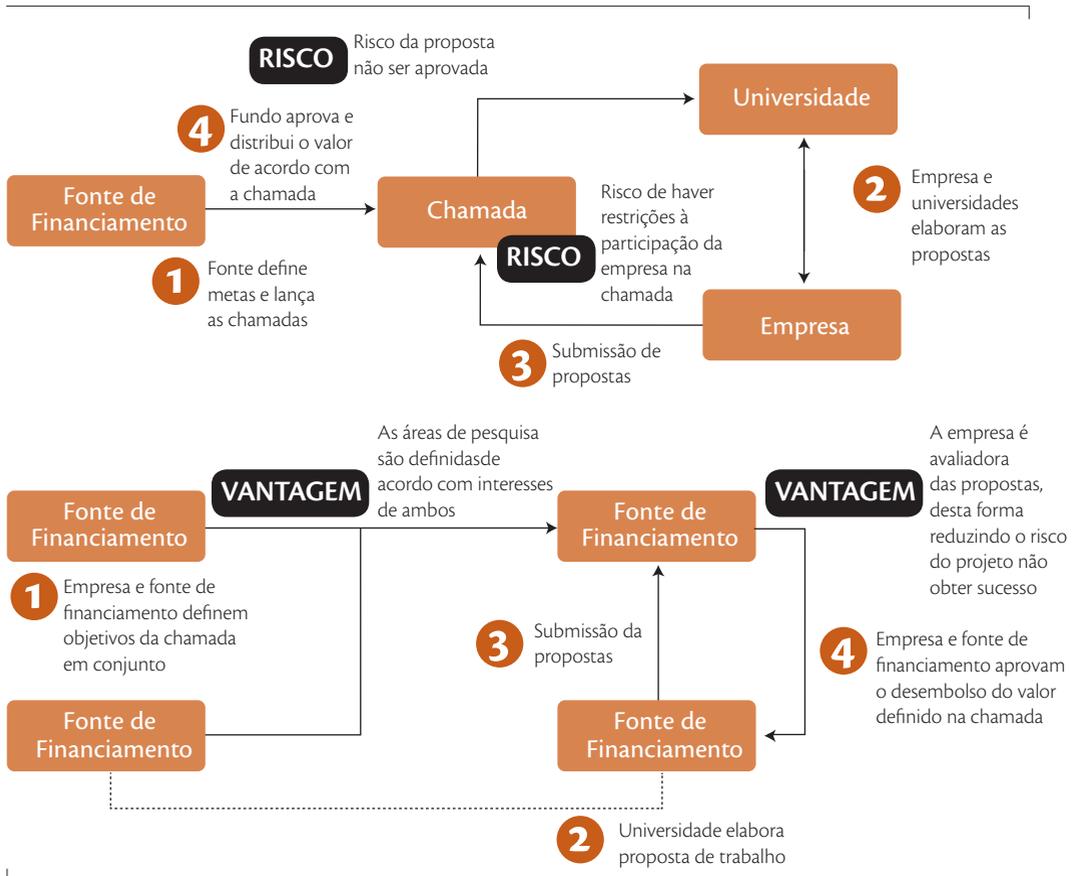
O diálogo entre empresas e universidades deve ser incentivado se queremos mudar nosso patamar de inovação no país. As parcerias aumentam as oportunidades de linhas de pesquisa nas instituições de ensino de acordo com as demandas atuais e tendências do mercado, contribuem para equipar seus laboratórios e oferecem novas perspectivas de pesquisa a seus estudantes, gerando talentos e abrindo portas para possibilidade de contratação em empresas para as quais desenvolveram pesquisas, desde a graduação ao doutorado.

Atualmente, as universidades mantêm os núcleos de inovação tecnológica (NIT), mas ainda é preciso aprofundar o diálogo, visando à formação de alunos diferenciados e à obtenção do suporte necessário para alavancar as pesquisas. O Brasil conta com uma carência de profissionais de engenharia. Este déficit pode ser constatado pelo número de vagas não preenchidas nas universidades brasileiras ou, por exemplo, quando constatamos que, de acordo com o estudo da OCDE, o Brasil formou em 2005 pouco mais de 10% dos alunos em áreas de ciência e engenharia; países desenvolvidos formam no mesmo ano, no mínimo, 50% mais profissionais nesta área. E a China formou aproximadamente quatro vezes mais naquele ano. A parceria envolvendo empresa, universidade e governo pode contribuir para incentivar o ingresso de jovens nos cursos de engenharia, aumentando a oferta de profissionais qualificados e que serão responsáveis por gerar a inovação futura em diferentes setores da economia.

No que diz respeito ao governo, o modelo de apoio não deve ser de fomento pontual a um determinado projeto, já que o principal ganho é intangível – pessoas. Já encontramos iniciativas com foco em programa de fomento e que merecem a análise por parte das empresas. O programa Inova Brasil, da Financiadora de Estudos e Projeto (FINEP) é um exemplo. Ele oferece recursos reembolsáveis à organização e adicionalmente destina 10% do montante para a universidade parceira por cinco anos. A criação do instrumento aumenta a capacidade das empresas de gerar inovação, já que estimula a geração de conhecimento (recurso para universidades) com a gestão da inovação na empresa (recurso reembolsável). Para tornar o instrumento ainda mais impactante, é necessário adicionar ao mecanismo a subvenção econômica para as inovações radicais e/ou de grande risco tecnológico que surgirem na universidade parceira.

O estímulo não está restrito à esfera federal. Outra iniciativa que merece menção é a das Fundações de Amparo à Pesquisa dos estados (FAP). Dentre estas, destaque para Minas Gerais (Fapemig). As parcerias com as FAP, de forma inovadora, oferecem às empresas, também, a oportunidade de participar da definição das linhas de pesquisa que serão desenvolvidas pelas universidades. Este perfil propicia o alinhamento da demanda da empresa com o tempo dis-

ponível e com os recursos do fundo, tornando o processo mais assertivo e com visibilidade de cinco a sete anos e não de um ou dois anos, que é o período médio dos projetos de fomento a P&D convencionais.



O compromisso com a inovação pode gerar um importante diferencial competitivo não só para o país, mas para as empresas. Foi o que aconteceu com a Embraco – líder mundial no mercado de compressores para refrigeração – fundada em Joinville (SC), em 1971. Onze anos depois, a empresa firmou a primeira parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que se mantém ativa até hoje.

As pesquisas realizadas conjuntamente foram responsáveis pela geração de conhecimento que culminou com o lançamento do primeiro compressor de refrigeração com tecnologia 100% nacional.

A Embraco historicamente investe cerca de 3% da receita líquida no custeio de P&D e conta com 450 profissionais trabalhando com pesquisa e desenvolvimento no mundo. As ações seguem um

planejamento estratégico de tecnologia de longo prazo e com foco bem definido. A organização também mantém convênios com universidades e institutos de pesquisa em vários países. Cerca de 40% dos pesquisadores da companhia são egressos da parceria empresa-universidade.

Nos últimos anos, a Embraco tem avançado na utilização de políticas de fomento e o resultado mais visível encontra-se na UFSC. Desde 2006, a universidade abriga o POLO, conjunto de 15 laboratórios nas áreas de sistemas de refrigeração, compressores e termofísica, totalizando uma área de 2,5 mil m². O empreendimento foi um investimento conjunto da Embraco e Finep e apoio da Capes/CNPq e FEESC entregue à sociedade em benefício da tecnologia e da inovação e uma prova de que o tripé pode trazer resultados concretos e benéficos para todas as partes envolvidas.

O brasileiro é criativo por natureza. Com o apoio articulado de todos os agentes, poderá dar vazão ao seu talento e construir um país capaz de competir no mercado globalizado. Mas este compromisso não deve estar presente somente em grandes corporações e, sim, participar da concepção de todos os novos negócios, de modo que a inovação seja parte do perfil empreendedor brasileiro.